

A crise financeira mundial e alguns impactos na agricultura brasileira: o caso da soja no Rio Grande do Sul

Argemiro Luís Brum (BRUM, Argemiro Luís)¹

Daniel Claudy da Silveira (SILVEIRA, Daniel Claudy da)²

Departamento de Economia e Contabilidade – DECon/UNIJUÍ

Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul

argelbrum@unijui.edu.br

daniel.silveira@unijui.edu.br

RESUMO

A forte liquidez e a euforia internacional, ligada ao dinheiro fácil (especulação), os gastos descontrolados, à custa de forte endividamento, alavancaram as economias mundiais entre 2002 e 2007. Este período de enorme crescimento e liquidez econômica alimentou um processo especulativo que acabou elevando os preços das mercadorias e aquecendo a economia global. Assim, as commodities mundiais tiveram seus preços elevados, frutos da especulação do sistema financeiro. Após este processo de euforia, o mercado se auto-ajustou, buscando corrigir os excessos do período anterior, provocando um “crash” na economia mundial, que teve seu epicentro nos Estados Unidos da América (EUA), com o estouro da bolha imobiliária naquele país. Este processo teve consequências duras para a economia mundial, gerando uma onda de recessão, e penalizando de forma generalizada o setor produtivo em geral, ou seja, a economia real. No Brasil, um dos setores atingidos foi o da produção primária. Neste sentido, o presente trabalho busca esclarecer de que forma a crise financeira mundial atingiu especificamente a cadeia da soja, tomando-se como referência o Estado do Rio Grande do Sul. A guisa de conclusão, nota-se que os preços internos do produto, nesse Estado, após subirem a níveis de R\$ 50,00/saco de 60 quilos em meados de 2008, quando Chicago bateu seu recorde histórico (US\$ 16,58/bushel no início de julho daquele ano) puxado pela euforia especulativa, recuaram para R\$ 33,00/saco na primeira metade de 2010, em função da recessão econômica mundial que levou o bushel de soja, em Chicago, a recuar para a média de US\$ 9,55 no período. Desta forma, a perda de renda por parte da cadeia produtiva da soja gaúcha, e particularmente por parte de seus produtores rurais, foi enorme já que a produtividade se mantém estagnada.

¹ Professor de economia junto ao Departamento de Economia e Contabilidade (DECon) da UNIJUI, doutor em Economia Internacional pela EHESS de Paris (França), coordenador da Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA/DECon/UNIJUÍ). Rua do Comércio, n° 3000, Ijuí/RS, CEP: 98700-000. Departamento de Economia e Contabilidade (DECon/UNIJUÍ). E-mail: argelbrum@unijui.edu.br

² Economista pela UNIJUÍ e técnico-administrativo junto à Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA/DECon/UNIJUI). Rua do Comércio, n° 3000, Ijuí/RS, CEP: 98700-000. Departamento de Economia e Contabilidade (DECon/UNIJUÍ). E-mail: daniel.silveira@unijui.edu.br

Palavras-chave: Processo especulativo, Economia mundial, Setor produtivo, Rio Grande do Sul, Liquidez internacional.

ARTICLE SUMMARY (ARIAL 11 NEGRITA)

Strong international liquidity and the euphoria linked to the easy money (speculation), the runaway spending at the expense of heavy debt, leveraged the economies between 2002 and 2007. This period of tremendous growth and economic liquidity fueled a speculative process that ended up raising the prices of goods and warming the global economy. Thus, the global commodities have had their prices high, the fruit of speculation in the financial system. After this process of euphoria, the market is auto-set, seeking to correct the excesses of the previous period, causing a crash in the global economy, which had its epicenter in the United States of America (USA), with the bursting of the housing bubble that country. This process had harsh consequences for the world economy, generating a wave of recession, and widely penalizing the industry in general, or the real economy. In Brazil, one of the affected sectors were the primary production. In this sense, this paper seeks to clarify how the global financial crisis hit the chain specifically soybeans, taking as reference the State of Rio Grande do Sul. The conclusion, note that the domestic price of the product, that State, after rising to levels of R\$ 50.00/bag of 60 pounds in mid-2008 when Chicago beat his record (US\$ 16.58/bushel in early July of that year) driven by speculative euphoria, decreased to R\$ 33.00/bag in the first half of 2010, according to the global economic recession which led to a bushel of soybeans in Chicago, to retreat to the average of US\$ 9.55 in the period. Thus, the loss of income by the soy state, and particularly by its farmers, has been enormous since productivity remains stagnant.

Key words: Speculative Process, Global Economics, Productive Sector, Rio Grande do Sul, International Liquidity.

1. INTRODUÇÃO

O presente trabalho trata da crise financeira mundial e seus impactos no setor produtivo da cadeia da soja no Estado do Rio Grande do Sul – Brasil. O estudo busca destacar algumas consequências deste fenômeno mundial sobre a economia real, tendo como referência o setor produtivo da soja na citada região brasileira.

Ao longo do desenvolvimento da pesquisa, foram utilizadas metodologias próprias de trabalho, frutos de estudos desenvolvidos pela Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA), ligada ao Departamento de Economia e Contabilidade da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ. Também foram objetos de pesquisa, sites e instituições credenciadas, além de materiais bibliográficos, periódicos e publicações diversas. Neste sentido, foi privilegiado o tema da cadeia produtiva da soja, pois a Região Noroeste do Rio Grande do Sul é identificada por ser predominantemente produtora da oleaginosa e sua economia está diretamente ligada ao agronegócio.

A economia mundial viveu, em seis anos consecutivos, de 2003 até meados de 2008, um período de enorme liquidez. Ou seja, houve muito recurso disponível no mercado internacional. A maior parte destes recursos veio dos petrodólares (dólares procedentes do comércio de petróleo, graças ao forte aumento no seu preço

internacional). Efetivamente, os preços do chamado “ouro negro” (Brent Mar do Norte), saíram de US\$ 12,75/barril na média de 1998, para US\$ 24,53 na média de 2001 e US\$ 98,38/barril na média de 2008 (com picos de até US\$ 150,00/barril), recuando para US\$ 62,16/barril em 2009 a partir da cristalização da crise financeira mundial. Por sua vez, a soja, negociada em bushel (27,21 quilos) em Chicago, no seu primeiro mês cotado, viu seu preço internacional evoluir de US\$ 6,06 na média de 1998 para US\$ 4,59 em 2001 e US\$ 12,31 em 2008 (com pico ultrapassando os US\$ 16,00 em julho deste ano). Posteriormente, com o estouro da crise o bushel caiu para a média de US\$ 10,30 em 2009.

Sendo assim, nesta esteira de enorme liquidez vivida, um processo especulativo acabou sendo gerado, elevando os preços das mercadorias e aquecendo a economia global. Este aquecimento, por consequência, foi sinônimo de uma maior inflação, fato que levou os Bancos Centrais do mundo a um maior controle sobre os preços internos via correções das taxas de juros. Juros mais elevados tornaram mais atrativas as bolsas de valores, aumentando a especulação, a qual avançou sobre as bolsas de commodities. No caso do petróleo, por exemplo, usou-se a ideia conhecida de que faltarão recursos energéticos no mundo. No caso da soja, foi a demanda chinesa usada como motivo para justificar altas desproporcionais em seus preços mundiais.

Neste sentido, algumas questões essenciais sobre a crise econômica preocupam o mundo econômico, e merecem destaque. Em primeiro lugar, a crise teve dois componentes: um real e outro irracional. A verdadeira crise, motivada pelos créditos hipotecários de alto risco no setor imobiliário dos EUA, foi gerada não apenas porque há muita insolvência das pessoas que emprestaram para construir e até comprar imóveis, quando o dinheiro era de fácil acesso, mas igualmente porque o preço destes imóveis baixou fortemente a partir do estouro da bolha. Na parte irracional, a crise se auto-alimentou pelas inquietações dos especuladores e investidores. Isto porque os produtos perigosos oferecidos nas bolsas de valores são quase invisíveis ao controle. Em muitos casos, a montagem financeira permite aos bancos mundiais de nem mesmo contabilizarem tais títulos em seus balanços. Tal desconfiança geral elevou inclusive os prêmios de risco no próprio mercado interbancário.

Como resultado, a crise imobiliária dos EUA resultou em uma falta generalizada de crédito, que atingiu as empresas que encontraram dificuldades para se financiarem, passando primeiro pelo crédito imobiliário e chegando ao consumo mundial da sociedade em geral, bloqueando assim a economia como um todo. Na prática, aplicadores em bolsas de commodities e de valores passaram imediatamente a venderem suas posições para cobrir rombos crescentes nos seus investimentos junto a países mais atingidos. Assim, o preço das commodities despencou a partir do final de 2008, recuperando-se parcialmente apenas na segunda metade de 2010.

Ou seja, a crise é aguda e exige ajustes pesados na economia mundial, pois a conta passa a ser distribuída para todos, a começar por um crescimento econômico menor e a necessidade de ajustes constantes. Isto vem acompanhado pelos impactos dos inconsequentes aumentos especulativos de preços das principais mercadorias do mundo, a começar pelo petróleo.

E, neste contexto mundial, a reboque, o mercado internacional dos grãos (leia-se dos alimentos) sentiu diretamente os reflexos deste descontrole e por consequência teve seus preços inflacionados, a começar pela cadeia do milho, passando pela soja e terminando no trigo, isso sem considerar os preços dos óleos vegetais em geral. Este descontrole passou a atingir diretamente a economia real, ou seja, o setor produtivo foi duramente influenciado pela alta dos preços mundiais, através de uma ação

especulativa irracional (financeirização da economia), a qual se traduziu em forte revés para o setor logo em seguida.

A especulação desenfreada, aproveitando-se do excesso de liquidez nos mercados, trouxe à tona uma crise econômica internacional que atingiu em cheio o setor produtivo, após anos de euforia e desregulamentação financeira. Para se ter uma ideia mais concreta dos efeitos deste processo sobre a economia real, toma-se como caso de estudo, neste trabalho, o impacto da crise na economia da soja no Estado brasileiro do Rio Grande do Sul.

2. A DISPARADA DOS PREÇOS MUNDIAIS

No período analisado, o dólar perdeu força diante das principais moedas mundiais, inclusive em relação ao Real brasileiro, e os preços das commodities negociadas no mundo subiram significativamente. No caso da soja, a mesma atingiu picos muito elevados, ultrapassando os US\$ 16,00/bushel em julho de 2008, seu maior preço na história secular da Bolsa de Chicago. O petróleo bateu acima de US\$ 150,00/barril, preço este o mais elevado de sua história igualmente, inclusive em termos reais. O ouro superou os US\$ 1.000,00 a onça (31,1 gramas), fato que não ocorria desde 1980, e assim sucessivamente com as outras commodities.

Neste sentido, nos perguntamos se estávamos diante de um real problema de oferta o qual, diante de uma demanda importante, estaria provocando esta forte elevação nas cotações mundiais ou a causa seria outra. A resposta mais apropriada para tal dúvida se encontra na segunda opção. Na prática o mundo assistiu (e volta a assistir neste final de 2010) a um movimento especulativo, alimentado pela enorme liquidez internacional do período compreendido entre 2002 e 2007.

Desta forma, apontar como culpado do processo inflacionário mundial a alta dos alimentos, devido à falta de produto e ao seu indevido uso para combustível (biocombustível/etanol), é não dizer a verdadeira razão do fenômeno: o sistema financeiro mundial, apoiado pelos oligopólios internacionais sempre ativos, aproveitando-se de uma posição deliberada dos EUA (em deixar sua moeda enfraquecer perante as principais moedas do mundo), visando solucionar problemas internos àquele país, passou a atuar fortemente nas bolsas visando o “ganho fácil”, buscando recuperar ganhos relativamente “reprimidos” até então. Ou seja, a posição estadunidense repassou o custo à sociedade mundial, sob a forma de inflação, mesmo diante do aumento na oferta de produtos, caso do trigo, soja, milho, arroz e petróleo. No entanto, a reversão desta realidade acabou ocorrendo, mesmo porque o custo do processo se voltou igualmente para o seu maior interessado, ou seja, os próprios EUA. Nesse contexto, dois elementos merecem destaque. Em primeiro lugar, as crises financeiras ocorrem porque é mais fácil manusear/jogar com o dinheiro dos outros do que com o seu próprio. Assim, os especuladores, através dos Fundos, apostaram e ainda apostam bilhões de dólares diariamente, sem grande controle, aumentando os riscos do sistema econômico e por consequência do setor produtivo em questão.

Em segundo lugar, no que diz respeito especificamente aos preços agrícolas, além da forte especulação existente no mercado, havia o sentimento de que a busca por grãos para a fabricação de óleos combustíveis, assim como a constante demanda chinesa, associadas a uma oferta em relativa estagnação, seriam o motor de tal movimento de aumento de preços. Ficou comprovado que este sentimento não se concretizou, pois se limitou basicamente ao mercado especulativo que agia fortemente sobre as cotações, migrando altas quantias financeiras no período. O tombo destas cotações,

com o estouro da bolha financeira, confirma isso, já que a demanda por alimentos no mundo não diminuiu entretempos.

Como mostrou a teoria, reforçada pela prática, os especuladores, ao ultrapassarem o limite de risco, passaram a ignorar o mercado, aumentando seus ganhos de maneira virtual sem aumentar suas perdas potenciais, ou seja, comprando e vendendo posições dos contratos (sem nunca possuir o físico), no caso das commodities negociadas nas bolsas de mercadorias e de futuros de todo o mundo. Assim, os ganhos “são para mim”, enquanto as perdas “são para os outros”. Confirma-se, desta forma, a velha máxima de socializar os prejuízos e capitalizar os lucros.

No mesmo caminho, o fato de o dólar perder força (desvalorizado frente às outras moedas mundiais) desde, pelo menos, 2004, levou os países exportadores de commodities a perder ganhos importantes em moeda nacional, mesmo com a posterior valorização destas mercadorias no mercado mundial. Esta realidade teve duas consequências: uma elevação forçada dos preços em dólares para compensar as perdas oriundas da depreciação da moeda estadunidense (fato que ajuda a explicar igualmente o aumento nos preços internacionais das commodities); e, este aumento de preços mundiais, apesar de ser bastante forte, não chegou a pesar significativamente sobre a inflação mundial justamente porque as importações, em moeda nacional, se tornaram mais baratas neste período de enorme liquidez econômica. Todavia, a compensação cambial começou a encontrar limites, e os preços iniciaram lentamente uma pressão inflacionária a partir da crise. Ou seja, a correção dos preços internacionais dependeu muito mais do comportamento cambial mundial, do que propriamente da relação de oferta e demanda dos produtos. Desta forma, a questão central girou em torno do dólar, na perspectiva de um retorno de sua valorização natural em relação às outras moedas mundiais. No final de 2010, todavia, esta questão ainda não estava solucionada e falava-se, no seio do G20, em “guerra cambial”.

Portanto, coube aos países do mundo enfrentar a real causa do problema sem caírem na tentação de soluções fáceis, como acusar os biocombustíveis, por exemplo. Nem tampouco usar a redução dos estoques finais de grãos como causadora do problema, já que este é muito mais amplo e complexo. Dito isso, é verdade que todos estes elementos combinados auxiliariam a pressionar um processo altista que, na sua base, teve na especulação e na desvalorização do dólar o seu elemento central.

2.1 O DÓLAR E A ALTA DAS COMMODITIES

A moeda estadunidense, em cinco anos (2003 a 2007) perdeu 41,4% de seu valor em relação ao Real. Em relação ao euro (moeda comum junto a 16 países da União Europeia) a perda foi de 23%, e assim por diante. Ao mesmo tempo, o preço do barril de petróleo (Brent Mar do Norte) ganhou 140% em média no mesmo período. O índice dos metais subiu 94%, enquanto o índice industrial total cresceu 126%, o índice alimentação subiu 40% e o índice geral de commodities ganhou 76%. O mercado da soja não ficou indiferente a tal movimento.

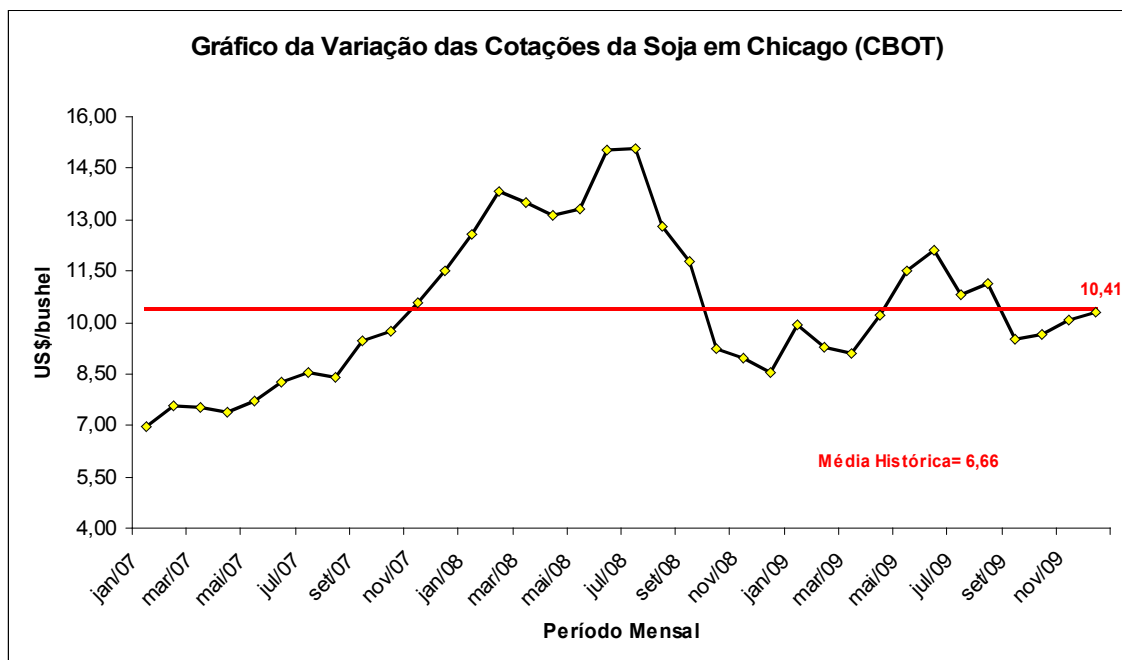
As cotações da soja, em Chicago, passaram a subir fortemente a partir de setembro/outubro de 2006. Esses preços elevados, no contexto de uma forte especulação puxada pela necessidade de compensar o forte recuo do dólar no mercado mundial, romperam a barreira dos US\$ 6,00/bushel em outubro daquele ano. A média, naquele mês, ficou em US\$ 5,93. Já em dezembro do mesmo ano a média ficou em US\$ 6,62. A partir do início de 2007 os preços subiram ainda mais. O rompimento da barreira dos US\$ 7,00 chegou em janeiro. Em maio, o mercado

rompeu o teto dos US\$ 8,00 e no mês de setembro foi ainda mais longe, rompendo, em 30 dias, a barreira dos US\$ 9,00, sendo que no dia 26/09/07 o teto dos US\$ 10,00/bushel já era ultrapassado. Após um mês de outubro oscilante, novembro de 2007, avançando extraordinariamente para mais de US\$ 16,00/bushel até o início de julho de 2008. Ora, as mudanças na economia real da soja, relacionadas a oferta e demanda, não foram assim tão significativas em tão curto período, confirmando que o movimento era puramente especulativo, na esteira da enorme liquidez existente no mundo, cuja a bolha já havia iniciado estourar em agosto de 2007 e cristalizando definitivamente em setembro de 2008, com a quebra do banco Lehman Brothers.

Paralelamente, os derivados da soja igualmente viram seus preços dispararem no mercado mundial, especialmente o óleo de soja. Esse produto quase triplicou sua cotação normal, chegando a 70,40 centavos de dólar por libra-peso em março de 2008, contra 25,63 centavos por libra em sua média histórica desde 1993. Por sua vez, o farelo de soja chegou a US\$ 453,90/tonelada curta no mês de julho de 2008, diante da média histórica de US\$ 197,34/tonelada curta, calculada desde 1980. Outros produtos negociados em Chicago seguiram o mesmo caminho. O trigo, por exemplo, atingiu a US\$ 12,70/bushel no mês de março de 2008, quando sua média histórica, desde 1980, era de US\$ 3,75/bushel. Já o milho chegou a ser cotado a US\$ 7,54/bushel em junho de 2008, contra uma média histórica, no mesmo período, de apenas US\$ 2,69/bushel.

A média das cotações da soja, no período em questão (gráfico 01), ficou em US\$ 10,41/bushel, contra a média histórica (desde 1972) de US\$ 6,59/bushel. Nota-se, pelo gráfico, a forte especulação do produto na Bolsa de Chicago, chegando a médias mensais acima de US\$14,00/bushel.

Gráfico 01. Variação das Cotações da Soja na Bolsa de Cereais de Chicago (CBOT) entre 2007 e 2009.

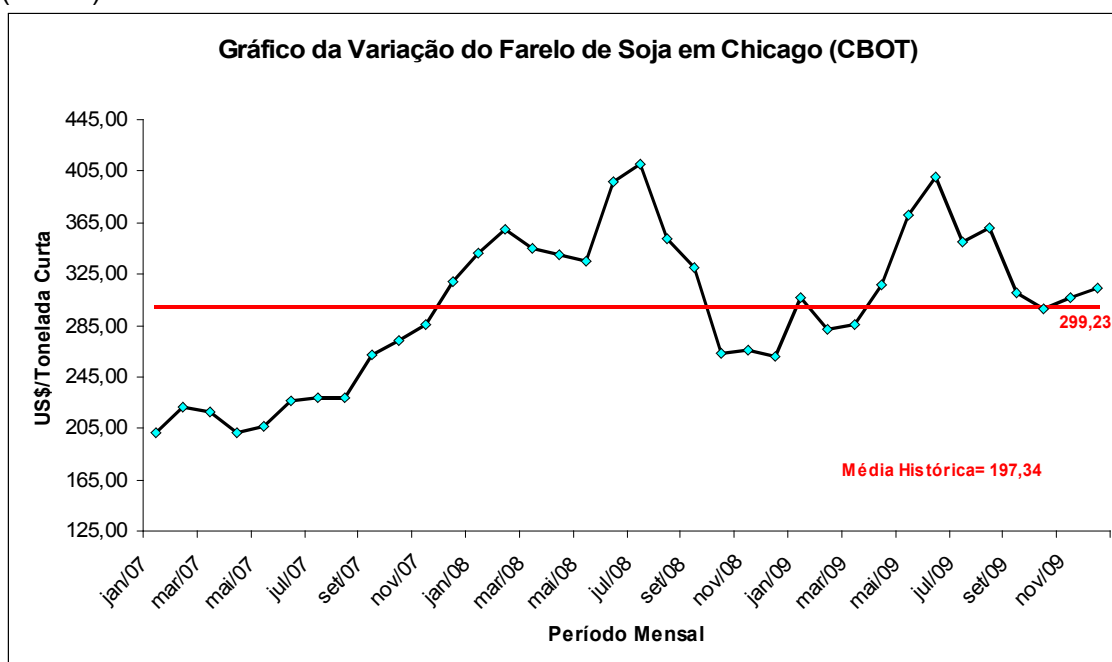


Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA – com base em dados da Bolsa de Cereais de Chicago (CBOT).

Os gráficos 02 e 03, mostram o comportamento das cotações do farelo e do óleo de soja. Os mesmos demonstram um comportamento muito semelhante ao grão. O farelo de soja, no período analisado, ficou com uma média de US\$ 299,23/tonelada curta, ou seja, 51% acima da média histórica de US\$ 197,34. Já o óleo de soja encerrou o período com média de 41,12 centavos de dólar por libra-peso, com uma valorização de 60%, na medida em que sua média histórica é de 25,63 centavos de dólar.

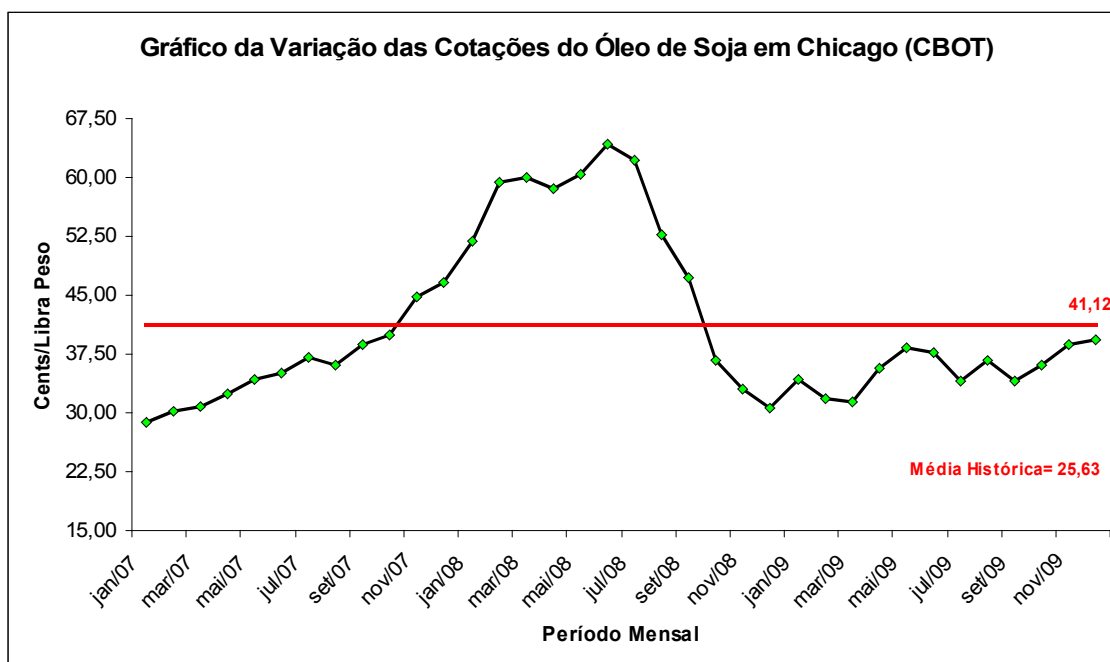
Todos estes produtos em questão foram impactados pela onda da especulação financeira mundial, tendo reflexos negativos para a economia real, e principalmente para os seus produtores e suas cadeias produtivas em geral e brasileiras em particular.

Gráfico 02. Variação das Cotações do Farelo de Soja na Bolsa de Cereais de Chicago (CBOT) entre 2007 e 2009.



Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA – com base em dados da Bolsa de Cereais de Chicago (CBOT).

Gráfico 03. Variação das Cotações do Óleo de Soja na Bolsa de Cereais de Chicago (CBOT) entre 2007 e 2009.



Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA – com base em dados da Bolsa de Cereais de Chicago (CBOT).

Em relação a estes principais produtos agrícolas, convém lembrar ainda que suas cotações médias, em setembro/2006, estavam em US\$ 5,42/bushel para o grão de soja; 24,24 centavos de dólar por libra-peso para o óleo de soja; US\$ 161,14/tonelada curta para o farelo de soja; US\$ 4,07 para o trigo; e US\$ 2,42 para o milho. Ou seja, nos picos de preços considerados, em Chicago a soja aumentou 205%; o milho 211%; o trigo 212%; o farelo de soja 181% e o óleo de soja 190% em curto espaço de tempo, fato que desestruturou os mercados regionais. Por exemplo, os preços em Reais aos produtores de soja brasileiros e gaúchos aumentaram, porém, não na mesma intensidade. O preço médio da soja, no Rio Grande do Sul, para o produto em grão no balcão, aumentou “somente” 115% no mesmo período.

Este comportamento se deveu ao fato de que a moeda brasileira, após breve desvalorização (entre agosto/08 e março/09), voltou a se sobrevalorizar, fato que tirou renda do produtor nacional, em especial do produtor de soja que escoar seu produto para exportação. Em setembro de 2006 eram precisos R\$ 2,35 para comprar um dólar. Ao longo do período analisado, o câmbio chegou a somente R\$ 1,56 para se adquirir o mesmo dólar, no final de julho de 2008. Isto significou uma valorização do Real de 33%. Para se ter uma ideia do estrago que isso causou no bolso do produtor rural de soja, caso o câmbio permanecesse em R\$ 2,35, o saco de soja no balcão, chegaria a valer, mantidas iguais todas as demais variáveis, R\$ 64,30. Ou seja, mais de 40% do valor praticado na média gaúcha no mercado real. Isso explica porque, em Reais, a soja no balcão não ultrapassou o recorde histórico atingido na safra 2003/04, quando o balcão gaúcho chegou a pagar R\$ 52,00/saco.

Não é preciso dizer que, diante de tais preços internacionais, em o clima ajudando, a produção mundial respondeu rapidamente. Esse fato, associado ao ápice da crise financeira em 2009, derrubou as cotações das commodities. O petróleo chegou a ser cotado, entre o final de 2008 e início de 2009, abaixo de US\$ 30,00/barril. A soja, como já se destacou, voltou a níveis próximos de US\$ 9,00/bushel, e assim por diante. Em os países do G20 conseguindo encontrar uma forma de nova regulação do sistema financeiro mundial, os recordes históricos de preços das commodities

difícilmente retornam. Caso contrário, a especulação retomará seu papel, e puxará os preços internacionais para cima novamente. É o que se notou no segundo semestre de 2010, após o fracasso das negociações multilaterais do G20.

No caso do Brasil, mais uma vez o país foi surpreendido. No momento em que sua economia aqueceu, através do estímulo público ao consumo interno, os preços agrícolas viveram momentos de depressão, desmotivando os produtores (a safra 2009/10, no Rio Grande do Sul, foi negociada, entre abril e junho de 2010, a apenas R\$ 33,00/saco em média). Todavia, a retomada dos preços internacionais, no segundo semestre de 2010, favoreceu os produtores, porém, elevou a inflação interna, já pressionada pelo crédito público farto. Com isso, no momento em que os preços internos da soja voltam a patamares de R\$ 44,00/saco no final de 2010, o governo começa a cortar o crédito em geral, iniciando uma nova política de arrocho econômico. Afinal, o país não possui, por falta de reformas estruturais, condições de crescer acima de 5% ao ano, fato que impede a economia nacional de tirar proveito dos ciclos de recuperação de preços internacionais, mesmo que sejam de natureza especulativa.

2.2 REACOMODAÇÃO DOS PREÇOS AGRÍCOLAS

Assim, após o momento de enorme liquidez vivido pela economia mundial, com uma alta generalizada, principalmente das commodities agrícolas e do petróleo, os preços a partir de meados de 2008 sofreram uma violenta reacomodação, puxados pelo estouro da bolha especulativa. Neste sentido, o setor agrícola brasileiro em geral e da soja gaúcha em particular viu seus preços recuarem rapidamente. O mesmo ocorreu com as ações nas diferentes bolsas de valores do mundo. O capital privado desaparece do mercado e a retomada econômica fica na dependência do dinheiro público.

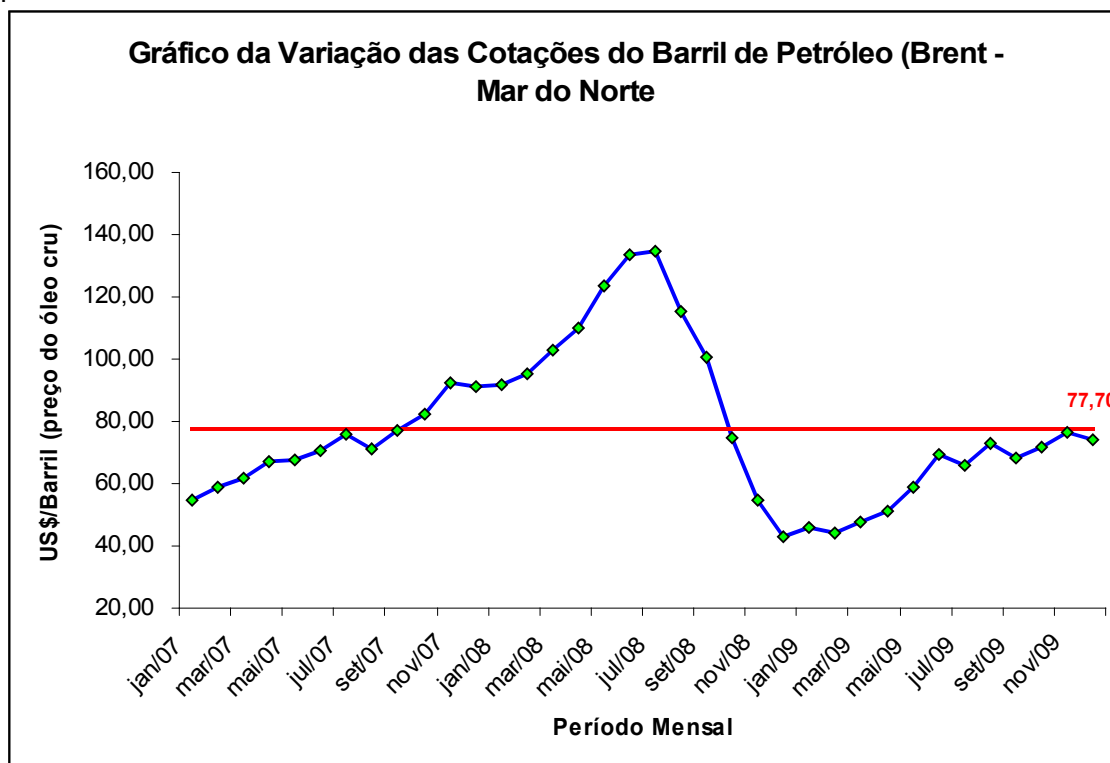
No Brasil, apesar do Programa Mais Alimentos (o mesmo colocava dinheiro barato e abundante na mãos dos produtores rurais para que os mesmos comprassem tratores, gerando um processo de enorme endividamento), o setor primário não ganhou muito apoio do Estado, fato que levou os produtores rurais em geral e os da soja em particular a perderem muita renda com a reacomodação dos preços internacionais das commodities.

No caso do petróleo, a forte queda nos seus preços (ver gráfico 04) auxiliou proporcionalmente à economia mundial, pois deixou a energia de certa forma barata, e deste modo seguiu um primeiro ímpeto de inflação. Mesmo assim, tal situação, pela sua origem, preocupou o mercado. Primeiro, porque o recuo nos preços do “ouro negro” não se deu pelo aumento na oferta. Embora não estivesse faltando petróleo no mundo (os preços praticados eram uma ficção especulativa), também não houve aumento da oferta. O que ocorreu foi simplesmente, além de um recuo natural da especulação, uma freada na demanda devido a recessão econômica nos principais países do mundo, fato que levou a um menor consumo de energia. Em segundo lugar, porque levou as empresas e países produtores do petróleo há uma enorme preocupação em relação aos preços tão baixos da matéria-prima (os mesmos voltaram aos níveis de 2004). Tais empresas teriam que reduzir seus investimentos no setor na ordem de 60% em relação ao programado para os anos de 2009-2010. Isso que tais cálculos foram realizados quando o barril estava cotado a US\$ 55,00/barril.

Projetos de prospecção em águas profundas, caso do pré-sal brasileiro, somente se viabilizam com o barril valendo entre US\$ 60,00 e US\$ 90,00/barril. Por outro lado, na área do refino mais de 80% dos 160 projetos anunciados desde o ano de 2005 corriam o risco de serem anulados devido ao forte recuo nas margens das empresas. Paralelamente, numerosos projetos de energia alternativa, como o biocombustível e

energia eólica e solar, comparativamente deixaram de ser viáveis economicamente. O preço baixo do período pós-crise, após o abuso altista vivido anteriormente, levou o mundo ao risco de se confrontar com a falta de petróleo no futuro, aí sim tendo seus preços alavancados para além dos US\$ 150,00/barril pela simples escassez do produto, ou seja, pela lei da oferta e demanda.

Gráfico 04. Variação das Cotações do Barril de Petróleo (Brent – Mar do Norte) no período de 2007 e 2009.



Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA – com base em dados da Fundação Getúlio Vargas (FGV).

Todavia, o agronegócio brasileiro foi e continua sendo muito importante para a sustentação econômica e comercial do país. No momento de crise mundial aguda e de longa duração, onde o volume de negócios diminui e o PIB gera resultados negativos, ou seja, de recessão econômica (caso de 2009, quando o PIB brasileiro ficou em -0,6%, após 5,2% positivos um ano antes), o setor primário brasileiro, no conceito técnico de agronegócio, deixou sua marca, como sempre, bastante positiva, mesmo sem ter o apoio que outros setores geralmente alcançam (e que alguns ainda estão tendo). Mesmo diante da ausência de uma política agrícola estrutural para o setor em questão. Ou seja, mesmo num período de forte crise mundial, entre 2008 e 2009, o Brasil obteve melhores resultados comerciais via o agronegócio do que no período de euforia econômica internacional. Entretanto, é importante lembrar que os saldos comerciais nacionais passaram a diminuir constantemente, particularmente pela sobrevalorização do Real.

Assim, o saldo da balança comercial brasileira, nos últimos anos, vem sendo obtido graças aos resultados positivos do agronegócio. Caso contrário, o país estaria amargando fortes déficits comerciais, com grandes consequências econômicas e sociais. Diante disso, é de abismar que o Brasil ainda não tenha uma política agrícola de longo prazo para o setor primário.

3. O CÂMBIO

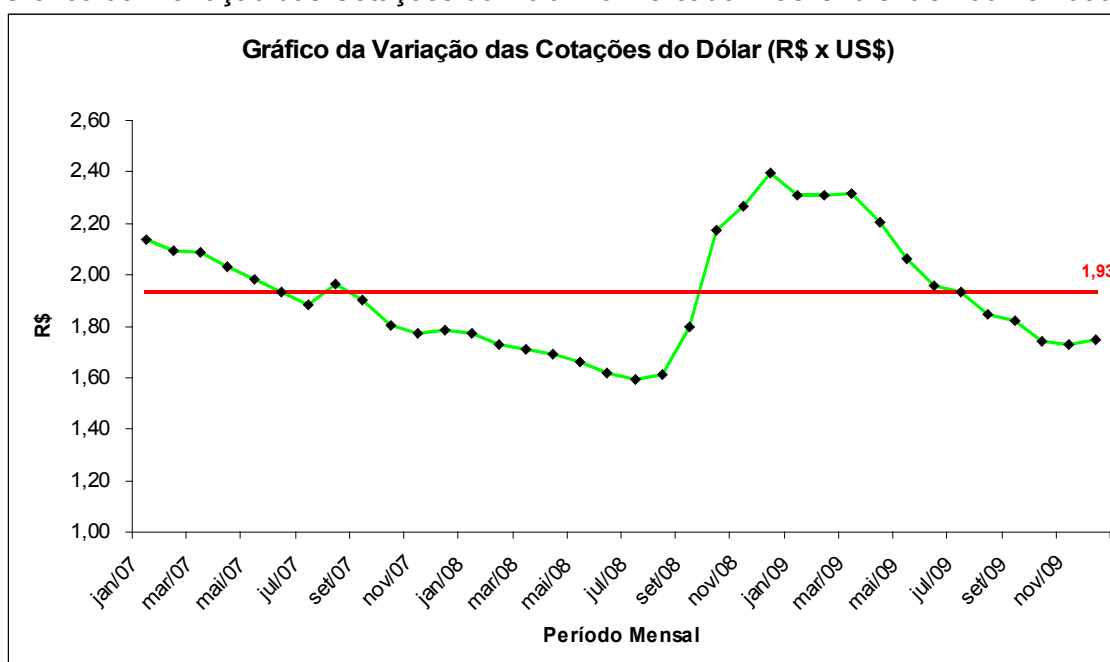
Durante a crise econômica mundial, existiram várias incertezas, uma delas, senão a principal, se encontrou no comportamento do dólar. O fato de o mesmo ter perdido força significativa perante as principais moedas, inclusive o Real, deixou o mundo bastante temeroso até mesmo quanto às perspectivas de retomada econômica. Afinal, muito desta retomada depende do comércio externo.

Ora, com moedas sobrevalorizadas, a maioria dos países perde a competitividade externa. E quem ganha com isso são países como EUA e a China, que mantêm um sistema de desvalorização deliberada de suas moedas. Após o estouro da crise e o chamado fundo do poço, em 2009, se pôde ver o interesse estadunidense em manter um dólar fraco (desvalorizado frente às principais moedas mundiais). Na prática, a coisa funcionou assim: como qualquer produto no mercado, o valor do dólar evolui em função de sua oferta e procura. A partir do segundo semestre de 2008, e até abril/maio de 2009, o dólar saiu de uma posição depreciada e ganhou valor perante as moedas mundiais rapidamente. Ou seja, mesmo diante de uma crise econômico-financeira do nível da ocorrida em 1929, tendo por estopim os EUA, o mundo acorreu ao dólar como valor refúgio. Em síntese, a demanda líquida por dólares acabou aumentando, fato que provocou sua apreciação. Todavia, com o retorno do processo especulativo em 2010, o dólar retomou seu processo de desvalorização internacional.

Em relação à economia brasileira, há praticamente oito anos que o Real vem se valorizando perante o dólar dos EUA. Após a disparada cambial ocorrida no segundo semestre de 2002, quando quase se atingiu a R\$ 4,00 por um dólar, a moeda brasileira vem se apreciando, chegando ao extremo de bater em R\$ 1,56 no final de julho de 2008 e atingindo, no final de 2010, apenas R\$ 1,66.

O gráfico 05 representa o movimento e as fortes oscilações que a moeda estadunidense viveu, em comparação com a moeda brasileira, durante o estouro da crise financeira internacional. A mesma ficou cotada na média do período em R\$ 1,93 por dólar. Pode-se constatar claramente a forte valorização que a mesma demonstrou em outubro de 2008, não sustentada posteriormente.

Gráfico 05. Variação das Cotações do Dólar no Mercado Brasileiro entre 2007 e 2009.



Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA – com base em dados do Banco Central do Brasil (BACEN).

Um dos elementos centrais deste processo de desvalorização momentânea do Real foi a forte saída de dólares do país protagonizada pelos aplicadores estrangeiros, que visaram cobrir os rombos ocorridos nas bolsas das principais economias do mundo, assim como na própria economia real.

A situação só não foi pior porque o Banco Central brasileiro passou a vender dólares no mercado, graças às importantes reservas cambiais construídas em momentos anteriores. Por outro lado, não se pode esquecer que a perda de força do dólar na economia mundial se deveu também às necessidades internas dos EUA (cobertura dos déficits comercial e da dívida interna).

Com a crise houve uma menor oferta da moeda dos EUA, reduzindo a liquidez consideravelmente, além de muitos voltarem a usá-la como refúgio, fatos que elevaram ainda mais a demanda pelo dólar, provocando assim a sua valorização.

Na sequência, houve um efeito contrário devido ao fato de que o socorro que o Banco Central estadunidense propiciou à economia exigiu uma grande emissão de moeda em troca de títulos públicos. Portanto, com mais dólares na economia tendeu-se a reduzir o valor da moeda estadunidense, não permitindo que a mesma disparasse no contexto das moedas mundiais em geral e da moeda brasileira em particular.

4. A CRISE NA AGRICULTURA GAÚCHA

A agricultura gaúcha, na primeira década dos anos 2000, sofreu alguns revezes econômicos importantes, culminando com os efeitos da crise mundial de 2007/08. Existem muitas variáveis que são enumeradas a seguir e que interferem diretamente nessa economia regional. Dentre elas, o clima, que provocou uma das piores secas das últimas décadas em 2005; os baixos preços dos produtos agrícolas, puxados por um câmbio sobrevalorizado; o custo dos insumos agrícolas, em constante elevação em determinadas categorias de produto; e a relativa estagnação da produtividade média. Isso acabou formando um conjunto de fatores negativos que se somaram aos efeitos nefastos da crise sobre o setor. Algo, aliás, que não é privilégio apenas do Rio Grande do Sul. Tal realidade vem provocando manifestações dos produtores rurais e suas representações no sentido de sensibilizar o governo federal a olhar e dedicar ações mais específicas para o desenvolvimento do setor.

Na falta de uma política agrícola de longo prazo e estruturalmente organizada, a alternativa da rolagem do pagamento dos endividamentos vem sendo a mais utilizada, mesmo ficando ainda longe de ser a ideal.

Nesse contexto, diante da crise mundial o setor do agronegócio, sendo o principal agente de desenvolvimento local no Estado do Rio Grande do Sul, caracterizado por um forte setor exportador de alimentos, segundo FERRAZ (2009) “tende a ser afetado, tanto em relação aos preços quanto em relação à colocação de seus excedentes no mercado exterior. Pelo menos nas safras mais imediatas à crise, sua produtividade, muito dependente de crédito para a aquisição de insumos, fertilizantes e implementos, deverá ser menor devido aos problemas de liquidez da economia.”

No caso da soja, as safras gaúchas dos últimos anos confirmam as dificuldades econômico-financeiras do setor. Em 2004/05 (ano da grande seca), gerou um custo

total de produção de R\$ 4,94 bilhões. A renda bruta total obtida, diante de uma produção de apenas 2,8 milhões de toneladas, gerou tão somente R\$ 1,2 bilhão. O resultado foi um prejuízo de R\$ 3,74 bilhões. No ano seguinte (2005/06), diante de preços muito baixos, a receita bruta obtida chegou a R\$ 3,32 bilhões. Porém, os custos totais de produção para o Estado semear 3,91 milhões de hectares, resultaram em um montante de R\$ 4,59 bilhões. O resultado foi um novo prejuízo final de R\$ 1,27 bilhão.

Enfim, na safra 2006/07, quando o Estado gaúcho conseguiu uma produção recorde e os preços foram melhores do que o ano anterior em questão, a receita bruta total, com a soja, somou R\$ 4,52 bilhões para um custo total de R\$ 3,99 bilhões. Isto resultou em um saldo positivo de R\$ 530 milhões. Ou seja, nas três safras consideradas, o resultado final acumulado da soja no Rio Grande do Sul foi um prejuízo bruto de R\$ 4,48 bilhões. A partir daí, a crise mundial se abateu sobre o setor, reduzindo ainda mais a possibilidade de recuperação, apesar dos preços da oleaginosa terem sensivelmente melhorado em 2008 e parte de 2009.

É importante destacar que, no período analisado (tabela 01), no Rio Grande do Sul o volume total da produção aumentou em 64%, significando um ganho enorme no período, tanto pelo aumento da área plantada quanto pelo aumento de sua produtividade que será demonstrada nas tabelas 02 e 03. Neste sentido, a produção passou de 5,5 milhões de toneladas na safra 2003/04 para 9,3 milhões de toneladas na safra de 2009/10.

Tabela 01. Produção de Soja no Rio Grande do Sul entre 2003 e 2010 (em mil toneladas)

REGIÃO/UF	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09 Previsão (1)	2009/10 Estimativa (2)
RS	5.559,4	2.854,9	7.776,1	9.924,6	7.775,4	7.912,6	9.304,3

Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA - com base em dados da Companhia Nacional de abastecimento (CONAB).

(1) Dados Preliminares: sujeitos a mudanças

(2) Dados Estimados: sujeitos a mudanças

Tabela 02. Produtividade Média da Soja no Rio Grande do Sul entre 2003 e 2010 (em quilos/hectare)

REGIÃO/UF	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09 Previsão (1)	2009/10 Estimativa (2)
RS	1.400	698	1.960	2.550	2.028	2.070	2.340

Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA - com base em dados da Companhia Nacional de abastecimento (CONAB).

(1) Dados Preliminares: sujeitos a mudanças

(2) Dados Estimados: sujeitos a mudanças

Observa-se que a produtividade média estacionou nos últimos anos, exceção feita aos períodos de crise climática. Isso demonstra a forte instabilidade na geração de renda dos produtores gaúchos de soja, sempre multiplicada quando a isso se soma crises econômico-financeiras como a vivida pelo mundo desde 2007/08. Além disso, a situação é de risco, pois sabe-se que os preços internacionais da soja irão retornar a

patamares menores proximamente, caso as razões da atual crise mundial da economia forem superadas.

A tabela 03 confirma esse raciocínio. Na safra 2007/08 a receita líquida média melhorou consideravelmente. Tal melhora deveu-se essencialmente à importante recuperação dos preços recebidos pelos produtores, apesar dos custos de produção terem igualmente subido sensivelmente. O produto soja, em questão, viu sua produção recuar de 9,9 milhões de toneladas (2006/07) para um volume próximo de 7,7 milhões no período. Entretanto, o preço deste produto subiu significativamente. Considerando os preços praticados entre meados de abril de 2007 e meados de abril de 2008, o preço médio da soja no Estado subiu 62%, passando de R\$ 27,35 para R\$ 44,33/saco, e a sua receita líquida média alcançou R\$ 5,54 bilhões em 2007/08, representando 22% no valor total do agronegócio gaúcho, justificando a importância da cadeia da soja para o Estado. A importância econômica da soja é tal que, mesmo diante das fortes oscilações de preços e de clima no período, não houve grandes mudanças na área semeada com a oleaginosa.

Tabela 03. Área Total Plantada no Rio Grande do Sul entre 2003 e 2010 (em mil hectares).

REGIÃO/UF	2003/04	2004/05	2005/06	2006/07	2007/08	2008/09 Previsão (1)	2009/10 Estimativa (2)
RS	3.971,0	4.090,1	3.967,4	3.892,0	3.834,0	3.822,5	3.976,2

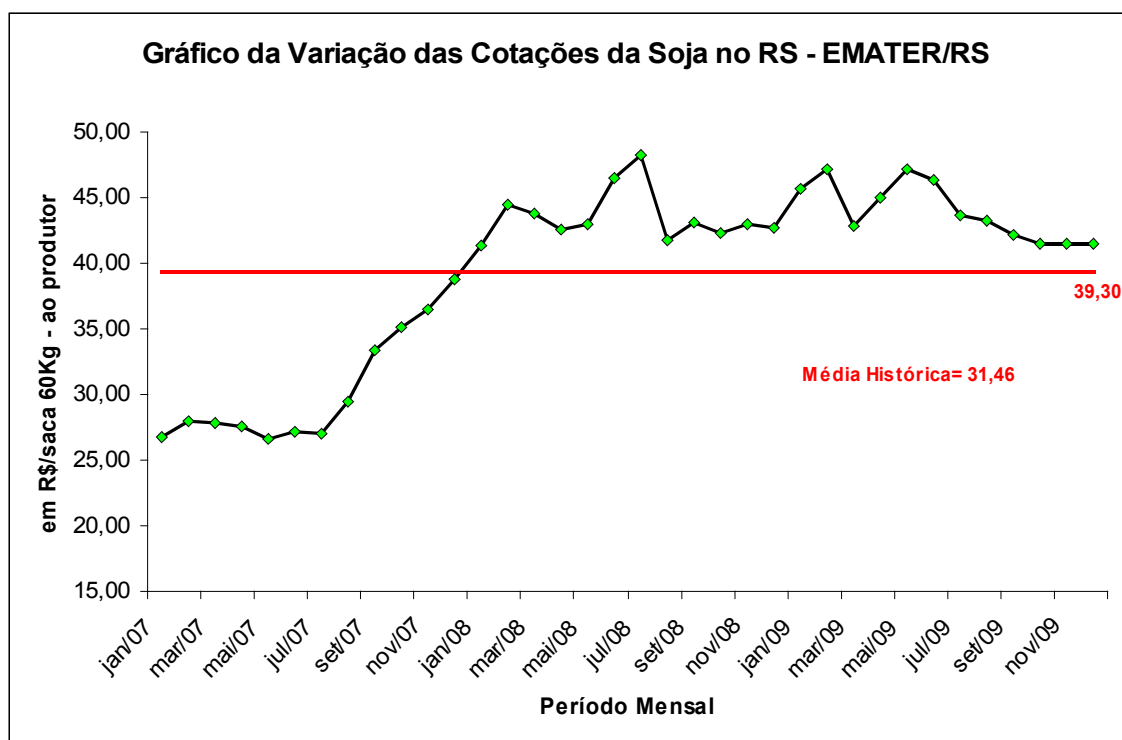
Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA - com base em dados da Companhia Nacional de abastecimento (CONAB).

(1) Dados Preliminares: sujeitos a mudanças

(2) Dados Estimados: sujeitos a mudanças

Já em relação aos preços do produto, apesar da empolgação das cotações em Chicago, os mesmos, em reais, não alcançaram os níveis esperados. O gráfico 06 evidencia a evolução dos preços da oleaginosa entre 2007 e 2009, e indica que o valor médio do saco de soja gaúcho, no balcão, ficou em R\$ 39,30. Mesmo assim, um valor interessante se considerarmos que a média histórica, a partir de 2000, é de R\$ 31,46/saco. Na prática, está-se falando de um mercado extremamente volátil, que coloca os produtores rurais constantemente diante de desafios que nem sempre os mesmos têm informações para superar.

Gráfico 06. Variação das Cotações da Soja no Rio Grande do Sul entre 2007 e 2009, no Balcão (em R\$/saco de 60 quilos)



Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA - com base em dados da EMATER/RS.

Nota-se, portanto, que o câmbio joga um papel fundamental na formação dos preços aos produtores brasileiros de soja. Crises internacionais, como a atual, que levam a fortes oscilações no valor do dólar, atingem em cheio a geração de renda destes produtores. Isso explica porque os preços nacionais em Reais subiram bem menos do que os registrados em dólares em Chicago. Além disso, os custos de produção tiveram um comportamento bastante errático, porém, em alta média.

Na tabela 04 observa-se que no período entre 2003 e 2010 houve, na lavoura de soja, uma variação de 33,4%, ou seja, um forte aumento de seus custos de produção, considerando que o mesmo passou de R\$ 24,34/saco na safra 2003/04 para R\$ 32,47/saco na de 2009/10. Nota-se ainda o forte aumento dos custos na safra de 2008/09, com uma variação positiva de 27,4% em relação à safra anterior. Importante se faz lembrar que a inflação oficial do Brasil, no período, girou ao redor de 5% ao ano.

Tabela 04. Variação do Custo de Produção da Soja Transgênica no Rio Grande do Sul entre 2003 e 2010 (em R\$/saco de 60 quilos)

ANO/SAFRA	R\$ - sacco 60Kg	Variação anual %	Variação no Período %
2003/04	24,34	-	
2004/05	29,59	21,57%	
2005/06	26,90	-9,09%	
2006/07	24,82	-7,73%	
2007/08	28,83	16,16%	
2008/09	36,73	27,40%	
2009/10	32,47	-11,60%	

Fonte: Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário - CEEMA - com base em dados da FECOAGRO/RS

Esta realidade piorou um dos problemas centrais dos produtores rurais do Estado gaúcho e mesmo do país, pois os mesmos realizaram um giro importante de dinheiro, porém, não conseguiram gerar renda suficiente para constituir uma poupança aceitável para períodos de maiores dificuldades.

Diante desse cenário, tornou-se ainda mais preocupante o fato de que muitos produtores se lançaram a realizar investimentos pesados, estimulados pelo governo, via programas que induzem ao aumento do consumo de produtos (face a uma demanda reprimida), visando construir uma saída para a crise que atinge o país.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A crise econômico-financeira que ainda persiste nesse início de 2011, atingiu os produtores rurais de soja do Rio Grande do Sul. De um lado, pela redução dos preços internacionais do produto, de outro pelas fortes variações no câmbio, provocadas também pela própria crise.

Dentre as principais lições extraídas do estudo, destaca-se o fato de que a crise internacional, embora tenha prejudicado o setor produtivo da soja no Rio Grande do Sul, não foi o principal elemento de preocupação destes produtores. O que mais perturba a geração de renda desta atividade é a sobrevalorização da moeda nacional, a qual data de bem antes da eclosão da crise atual.

Por outro lado, mesmo com a continuidade da sobrevalorização entre 2007 e 2010, momento da crise maior, os produtores de soja acabaram sendo compensados pelas fortes elevações nas cotações internacionais da soja. Assim, o que se pode dizer é que os produtores deixaram de obter uma renda ainda melhor devido a sobrevalorização, num momento em que as cotações da oleaginosa em Chicago batiam recordes históricos.

Dito isso, não se pode negligenciar a importância da crise num contexto estrutural. Através dela evidenciou-se a importância da participação do Estado na economia. Na história da economia mundial, sempre em períodos de crise aguda, os Estados entraram com políticas e sistemas de socorro, buscando reorganizar o processo. As crises financeiras e econômicas surgem, na maior parte das vezes, por falta de controle (ou regulamentação) do mercado, ou por desorganização gerencial dos Estados. No caso atual, as duas coisas se somaram. O mundo abusou da desregulamentação do mercado financeiro, deixando de lado as lições das crises passadas, e os Estados, em sua maioria, continuam excedendo seus limites de endividamento. Em muitos casos sustentando um sistema ineficiente e custoso, gerando agora uma crise fiscal. Não se trata de construir novamente economias planejadas ou, no outro extremo, de gerar “estado mínimo”, como se procurou fazer no Século XX. A primeira grande crise da atual globalização reforça outra realidade e necessidade. O mundo precisa dar espaço aos mercados, porém, precisa contar com a regulação dos Estados na área financeira. Para tanto, os Estados precisam estar preparados para assumirem esse papel, apresentando uma estrutura funcional enxuta e competitiva, criando as condições para que o capital privado invista realmente na produção.

Trata-se de, em torno do capitalismo, construir um modelo que permita à economia produtiva funcionar, num contexto de mercado livre, porém, com a presença de um Estado organizador, pela sua eficiência gerencial e mecanismos de regulação interna e externa. E cada vez mais interligado com o sistema mundial, na medida em que a interdependência entre as Nações avança. Ou seja, não assistimos a crise da economia de mercado. O que assistimos é a crise da financeirização da economia, que se aproveitou da globalização irreversível, e da desregulamentação a qualquer preço, para “faturar” ganhos sempre maiores. Ocorre que tal realidade, quando explode, atinge igualmente a economia real, o setor produtivo. Evitar que tal situação se consolide permitirá que setores produtivos, como o da soja, tenham maiores ganhos em geração de renda pela estabilidade que o sistema pode oferecer.

Mesmo que a lógica seja de deixar o mercado corrigir naturalmente seus exageros, tal decisão tende a ser ainda mais desastrosa, pois os efeitos nefastos sobre o setor produtivo, a riqueza geral, os empregos e o bem-estar social do mundo serão ainda mais excludentes e devastadores para as Nações e particularmente para os menos preparados. Assim, novamente a receita que defende a intervenção do Estado na economia, em momentos de crise, tende a ser a mais adequada, quando não a única. A atual crise financeira mundial confirmou isso. A questão, a partir disso, é que o sistema econômico globalizado aprenda a lição e crie sistemas de regulação eficientes, que não anulem o livre mercado e que canalizem a riqueza para a produção, eliminando a especulação inconsequente, ou seja, os investimentos não produtivos que são nocivos à economia de mercado e aos setores produtivos em geral.

Enfim, embora setores produtivos, como o da soja no Brasil, não tenham sofrido tanto com a crise, mesmo porque o país conseguiu enfrentar relativamente bem o problema, as grandes oscilações das cotações externas, associadas às questões cambiais, geraram forte instabilidade na formação de renda anual dos produtores rurais. Paralelamente, é preciso estar atento para o fato de que o pós-crise deverá se caracterizar por um estreitamento de crédito global, com o mesmo sendo cada vez mais seletivo.

6. BIBLIOGRAFIA

Banco Central do Brasil (BACEN), (2010) *Órgão Governamental*, [Online], Disponível em: <<http://www4.bcb.gov.br/pec/taxas/port/ptaxnpesq.asp?id=txcotacao&id=txcotacao>> [22 Dezembro 2009].

Bolsa de Cereais de Chicago (CBOT), (2010) *Bolsa de Cereais dos Estados Unidos da América*, [Online], Disponível em: <<http://www.cmegroup.com/>> [15 Março 2010].

Brum, A. L., Heck, C. R. (2005) *Economia Internacional: uma síntese da análise teórica*, 1º edição, Ijuí: UNIJUÍ.

Central Internacional de Análises Econômicas e de Estudos de Mercado Agropecuário (CEEMA), (2010) *Órgão Institucional da Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul – UNIJUÍ*. Ijuí: UNIJUÍ.

Companhia Nacional de Abastecimento (CONAB), (2010) *Órgão Governamental*, [Online], Disponível em: <<http://www.conab.gov.br/conabweb/>>. [22 Fevereiro 2010].

Emater/RS, (2010) *Órgão de Pesquisa e Assistência Técnica aos Produtores Rurais do Estado do Rio Grande do Sul*, [Online], Disponível em: <<http://www.emater.tche.br/site/inicial/ptbr/php/>> [25 Outubro 2009].

Federação das Cooperativas Agropecuárias do Rio Grande do Sul (FECOAGRO/RS), (2010) *Custo de Produção*, Ano 48, Estudo N° 68, Outubro, Porto Alegre: Rio Grande do Sul.

Ferraz, João Carlos M. (2009) *O Manual da Crise: entendendo melhor a crise financeira de 2008, suas origens e consequências para o Brasil e o mundo*, série 2ª, volume 86, Coleção Atualidade, São Paulo: Alfa-Omega.

Fundação Getúlio Vargas (FGV), (2010) *Revista Conjuntura Econômica*. Rio de Janeiro: Rio de Janeiro.

Morris, Charles R. (2009) *O Crash de 2008: dinheiro fácil, apostas arriscadas e o colapso global de crédito*. Tradução Otacílio Nunes; revisão técnica Marco Antonio Macedo Cintra; prefácio Luiz Gonzaga de Mello Belluzzo. São Paulo: Aracati.